

TRASLADADO

AL REMITENTE

AGENCIA CENTRAL
27 12 78
PORTO ALEGRE-RS

VIA AÉREA
PAR AVION



REMITENTE

Señor Flavio Koutziin

Em busca de "solidariedade ativa"

Benito Bisso Schmidt

A campanha pela libertação de um militante de esquerda brasileiro preso na Argentina na década de 1970 ensejou a constituição de um precioso acervo privado que permite tanto a compreensão de sua saga pessoal quanto a análise do contexto de enfrentamento com as ditaduras civis-militares da América Latina no período.

(9103) Rawson - Normal de...

República Argentina

AL REMITENTE

Estavou na
caixa 2312

AGENCIA CENTRAL
27 12 78
PORTO ALEGRE-RS

AL REMITENTE

*Ruego tambien la solidaridad activa para lograr que el gobierno argentino otorgue la inmediata libertad de Flávio Koutzii para residir en Francia.*¹

> Em 11 de maio de 1975, Flávio Koutzii, com mais 12 pessoas, incluindo outros dois brasileiros (Maria Regina Pilla e Paulo Paranaguá), foi preso na Argentina acusado de complô internacional contra o governo de Isabel Perón. Em 21 de janeiro de 1977, os brasileiros foram expulsos do país, com exceção de Koutzii, que permaneceu encarcerado até junho de 1979. Segundo as autoridades daquele país platino, a situação de Flávio era diferenciada, pois ele havia entrado ilegalmente no país, com documentos falsos, motivando a decretação de uma prisão preventiva.²

Koutzii esteve preso em La Plata de maio de 1975 a setembro de 1978; em Rawson de setembro de 1978 a janeiro de 1979; em Coronda de janeiro a maio de 1979; e em Caseros de maio a junho de 1979. Ao longo desse tempo, duas mulheres – sua mãe, Clara Koutzii (falecida em 1993), e sua companheira, Norma Beatriz Espíndola, que fora presa com ele e solta em 23 de dezembro de 1976 – partindo então para o Brasil e, pouco mais de dois anos depois, para a França organizaram uma ampla campanha em prol de sua libertação, envolvendo um sem-número de pessoas e instituições em diversos países do mundo. Juntas, implementaram uma rede internacional de solidariedade que envolvia, entre outras ações, a realização de abaixo-assinados; pedidos de apoio, por carta ou pessoalmente, a políticos, intelectuais e ao que hoje chamaríamos de organizações não governamentais; gestões junto a autoridades argentinas e o acompanhamento da situação de Flávio nas prisões por onde passou.

Para darem efetividade a suas ações, Clara e Norma escreviam cartas e demandavam a seus possíveis aliados cópias daquelas remetidas por eles.³ Também

guardavam originais ou faziam reproduções de abaixo-assinados e outros documentos referentes à campanha; além disso, recortavam jornais, nos quais sublinhavam e anotavam as notícias explícita ou implicitamente relacionadas a Koutzii. Todos esses materiais foram conservados por elas e, posteriormente, pelo próprio Flávio, constituindo um rico acervo pessoal que pode nos contar muito sobre as lutas empreendidas contra as arbitrariedades cometidas pelas ditaduras que se pautavam pela doutrina de segurança nacional na América Latina. Essas lutas, levadas a efeito prioritariamente por meio da palavra, falada e escrita, e movidas por razões que iam da proximidade política ao afeto pessoal, da afinidade ideológica à solidariedade humana, ou por uma mescla de todos esses elementos, literalmente atravessavam fronteiras e irmanavam indivíduos de vários continentes.

Como se sabe, um acervo pessoal constitui uma espécie de “escrita de si” de seu titular. Selecionar, guardar, organizar de determinado modo, descartar e rearranjar documentos, fotografias e objetos são gestos que expressam uma determinada forma de ver a si próprio e ao mundo, de dar sentido à existência daquele que os realiza e, muitas vezes, de imprimir uma determinada imagem à posteridade. No caso em tela, temos um acervo “escrito” a quatro mãos, por Clara e por Norma – já que resulta do agrupamento dos documentos reunidos separadamente por elas –, mas os materiais que o compõem tratam predominantemente de um terceiro personagem: Flávio Koutzii. É ele a razão de ser do acervo, é a sua situação que motiva as múltiplas ações que o constituem, é dele que os documentos tratam, é a sua prisão que baliza as datas-limite do material: de maio de 1975 a junho de 1979.

Contudo, além de personagem central da trama, Flávio também pode ser visto como um de seus autores. Afinal, foi ele quem conservou o acervo como um

referente material de sua identidade, como um lugar de sua memória: as cartas, abaixo-assinados, documentos oficiais e recortes de jornais ali depositados ajudam a contar a sua história, para ele mesmo e para os outros que queiram conhecê-la. Esse foi o nosso caso. Empenhados em escrever a sua biografia, fomos surpreendidos com o empréstimo de uma caixa grande do tipo *tapeware*, contendo os papéis relativos à campanha pela sua libertação. Em contrapartida, nos propusemos a organizá-los e, implicitamente, a incorporá-los como parte da narrativa de sua vida.

Neste artigo, explicamos, de forma muito breve, como foi realizada a organização do referido material para, a seguir, apontar algumas possibilidades interpretativas sugeridas pelo acervo de Koutzii. Dessa forma, buscamos exemplificar a fertilidade da pesquisa em acervos privados para o conhecimento de processos históricos contemporâneos (como a implantação de mecanismos repressivos pelas ditaduras civis-militares latino-americanas e as resistências a eles interpostas), sobretudo das formas como esses foram vivenciados quotidianamente por sujeitos sociais pouco visíveis na documentação de caráter público. Antes, porém, apresentamos sucintamente alguns aspectos da trajetória de Flávio até a sua prisão na Argentina.

O “guru” da esquerda porto-alegrense

Flávio Koutzii nasceu em 1943 na capital gaúcha. Descendente de famílias imigrantes judias provenientes da Europa central, seu pai, Jacob, foi um destacado quadro do PCB nos anos 1930 e 1940. Na década de 1960, Flávio despontou como um importante líder do movimento estudantil porto-alegrense. É dessa forma que ele é lembrado pelos seus contemporâneos. Por exemplo: em texto intitulado “A tomada do RU”, publicado no livro comemorativo dos 60 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o

jornalista Uirapuru Mendes, que cursou filosofia nessa instituição entre 1966 e 1968, lembra:

A filosofia era praticamente o centro da esquerda, o pessoal das outras faculdades costumava transitar por ali em suas missões cotidianas. Como teóricos e gurus, destacavam-se Flávio Koutzii, Pilla Vares, Marcão, Marco Aurélio Garcia, fina flor do marxismo e adjacências.⁴

Em 1963, Koutzii filiou-se ao PCB. Quando sobreveio o golpe, era presidente do Centro Acadêmico Franklin Delano Rossevelt, da Faculdade de Filosofia. Pouco tempo depois foi cassado. Com a instauração da ditadura, participou da fundação da Dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, a qual, algum tempo depois, fundiu-se com uma dissidência da Polop (Política Operária), vindo a formar o POC (Partido Operário Comunista). Sobre esses percursos políticos, Raul Pont, então estudante de história, conta:

As pessoas mais experientes, que coordenavam essa discussão, eram o Marco Aurélio Garcia, a companheira dele, a Elizabeth Lobo [...]. Aqui, o Luiz Pilla Vares, o Flávio [Koutzii]... Além dos que eu já citei, a Sonia Pilla, a Maria Regina Pilla, o Jaime Rodrigues, eram de certa forma do grupo que dirigia o setor estudantil aqui. Nós saímos do PCB para a Dissidência por impossibilidade de influir no debate interno, porque a verticalização, o autoritarismo, a falta de democracia interna era muito grande. Nós também tínhamos uma profunda divergência com o maoísmo, que era a linha oficial do PCdoB [...]. E havia uma identidade grande com a Polop. [...].

[...] Mas a Polop era muito doutrinária, muito propagandista; tinha uma formulação teórica

bastante boa [...]. Foi aí que nós iniciamos um processo, depois de 1967, de relação com a Polop e formamos o POC, no início de 1968.⁵

Nessa época, Flávio era proprietário de uma livraria em frente à Faculdade de Direito da UFRGS, considerada, por diversos militantes de esquerda da época, um importante espaço de conhecimento e de discussão das correntes de pensamento que agitavam a chamada Geração 68. Segundo o próprio Koutzii: “Eu ia buscar os livros de dois em dois meses em São Paulo, no fundo era um truque, um alibi para me conectar com a organização do POC [...] em São Paulo”.⁶

Conforme Raul Pont, o racha do POC se deu em 1969 em função do debate sobre se era correto ou não levar à frente algumas ações armadas. A velha direção que vinha da Polop era contrária a tal estratégia e formou outra organização; quem ficou, assumiu o nome POC. “Foi uma cisão em cima, e quem tinha contatos levou os seus contatos para um lado ou para o outro... Mas o POC já tinha muita gente no exílio. E foi nessa época que o pessoal do POC teve contato com a IV Internacional”.⁷

Koutzii foi um dos que partiram para o exílio, deixando o país em 1970. Alguns documentos integrantes de seu acervo pessoal falam dos motivos dessa fuga. Em carta dirigida a destinatário não identificado, datada de 15 de abril de 1977, escrita em francês, Maria Regina Pilla e Paulo Paranaguá falam que Flávio, em 1970, era “perseguido por suas atividades políticas na Universidade do Rio Grande do Sul” e comentam sobre sua atuação na UNE, dissolvida por causa da oposição que levou a efeito contra o governo militar brasileiro.⁸ Já em um recorte do *Jornal do Brasil* de 10 de junho de 1977, noticia-se que, naquele período, tanto Flávio quanto Maria Regina, então sua namorada, eram “procurados pelo Dops por suspeita de envolvimento com o Partido Operário Comunista (POC) e a organização trotskista-leninista no Rio Grande do Sul”.⁹

Exílio e desaparecimento

Flávio instalou-se por um ano em Paris, onde passou a atuar junto à Liga Comunista Revolucionária Francesa, vinculada à IV Internacional. Partiu então para o Chile e em 1972 estabeleceu-se na Argentina, engajando-se no PRT-ERP (Partido Revolucionário de los Trabajadores – Ejército Revolucionario del Pueblo). De acordo com o próprio Koutzii, “o PRT-ERP é marxista, reivindica as experiências cubana, chinesa e vietnamita. Representou sempre a alternativa marxista armada ao peronismo”.¹⁰ Junto aos Montoneros, a fração à esquerda do movimento peronista, constituiu uma das mais significativas organizações armadas na Argentina do período.

A perseguição a esses grupos intensificou-se a partir da chegada ao poder de Isabel Perón, a *Isabelita*, mulher e vice-presidente de Juan Domingo Perón, depois presidente com a morte deste último em 1º de julho de 1974. Foi nessa conjuntura que ocorreu a prisão de Flávio. As primeiras notícias encontradas no seu acervo particular falam em sequestro. Em 17 de maio de 1975, por exemplo, o jornal porto-alegrense *Zero Hora* trouxe a seguinte manchete: “Sequestro: gaúchos continuam desaparecidos na Argentina”, informando que o desaparecimento de Flávio e Maria Regina continuava sendo um mistério, pois as autoridades responsáveis negavam envolvimento no ato e a organização de extrema direita Aliança Anticomunista Argentina também não assumia responsabilidade no caso. O jornal informava também que as mães dos desaparecidos haviam viajado para o país vizinho em busca de esclarecimentos.¹¹ Em junho de 1975, um decreto de expulsão foi expedido pelo governo Isabelita. Porém, no caso de Koutzii, esse acabou não se efetivando. O golpe civil-militar de 24 de março de 1976 só fez piorar as coisas. A luta de Clara e Norma estava apenas começando...

Potencialidades do acervo

Se consideramos que um acervo privado conta sobre a visão de si e do mundo daquele que o produziu (no caso específico, daquelas que o produziram e daquele que o preservou) e que essa narrativa se constitui em fonte e objeto importantes para o historiador, então, a organização posterior desse tipo de material deve tentar se manter a mais próxima possível do arranjo original. Isso porque os documentos de arquivo não têm sentido se considerados apenas como unidades autônomas, mas adquirem esse sentido, sobretudo, se tratados como partes de séries. Nessa perspectiva, Foucault assinala que no arquivo as coisas ditas não são acumuladas em uma massa amorfa, mas agrupadas em figuras distintas, colocadas juntas de acordo com múltiplas relações, mantidas ou atenuadas de acordo com regularidades específicas.¹² Steedman acrescenta outra dimensão importante para a compreensão das histórias contadas pelos arquivos: “O arquivo é feito de documentação selecionada e conscientemente escolhida e também das fragmentações loucas que ninguém quis preservar, mas de alguma forma ou outra terminaram lá”.¹³

Na tentativa de compreender a lógica que presidiu a seleção de documentos operada por Clara e Norma, para, assim, desvendar facetas de seus percursos, projetos e representações, bem como dos de Flávio, guardião dessa memória, foram preservados, na organização do material, os agrupamentos originais, os dossiês já formados, as pastas já montadas, realizando-se nesses conjuntos apenas operações técnicas necessárias à preservação da documentação: retirada de clips e grampos metálicos, substituição dos sacos plásticos por envelopes de papel, colocação da documentação em caixas e pastas de polionda, entre outras. Deve-se ressaltar, porém, que a maior parte dos documentos do acervo não estava organizada, apenas sobreposta. Em função disso, procedeu-se ao seu agrupamento de acordo com o tipo documental:

correspondência, imprensa, documentos oficiais, relatórios e abaixo-assinados. Em seguida, cada documento foi identificado, catalogado e resumido, em condições de permitir buscas temáticas, cronológicas, por tipo documental etc. Enfim, novas regularidades e dispersões poderão ser configuradas, possibilitando a produção e a compreensão de cadeias de sentido diversas.

Mas quais são as potencialidades de um acervo como esse para a pesquisa histórica? Em primeiro lugar, cremos que ele permite apreender um movimento – no caso, o movimento pela libertação de Flávio – no seu “fazer-se”, nas suas oscilações, nas suas mudanças de rota em função de campos de possibilidades diferenciados, na sua incompletude e indeterminação, enfim. Hoje conhecemos o ponto de chegada do movimento: a libertação de Flávio depois de uma longa e penosa luta. Podemos também interpretá-lo à luz de um processo mais amplo: a campanha pela anistia nos quadros da abertura “lenta, gradual e segura” do regime militar; e da trajetória de vida posterior de Koutzii: seu exílio e carreira política no Partido dos Trabalhadores.¹⁴

Contudo, os documentos presentes no acervo analisado mostram que os rumos e resultados desse movimento não estavam dados e garantidos *a priori*, mas se delinearam a partir de escolhas, embates, percepções e também do acaso; de ações protagonizadas por diferentes sujeitos, sobretudo por Clara e por Norma, para quem o futuro aparecia como incerto e indeterminado, portador de temores e esperanças.

Nesse sentido, são inúmeras as manifestações presentes nos documentos de apreensão devido ao estado de saúde de Flávio, que cada vez mais se degradava. Nesse sentido, uma pasta do acervo abriga fotocópias de notícias com conteúdo semelhante publicadas por órgãos de imprensa diversos. Uma

delas, veiculada pelo *Jornal do Brasil* em 24 de fevereiro de 1979, intitula-se “Mãe de brasileiro preso na Argentina denuncia que seu filho está sendo maltratado”, e nela se pode ler:

Em entrevista coletiva, a mãe do brasileiro Flávio Koutzii [...] Sra. Clara Koutzii, denunciou ontem que a situação de seu filho, na prisão, “é mais terrível do que se possa imaginar e mesmo não tendo sido condenado à morte, está morrendo diariamente”. [...] A denúncia foi feita depois de um telefonema que a Sra. Clara Koutzii recebeu de Buenos Aires, em que lhe foi informado que Flávio está “no limite de suas condições físicas, uma vez que seu estado de saúde agravou-se por falta de tratamento médico”.

Notícias semelhantes apareceram, no mesmo mês, no *Última Hora* (“Brasileiro preso na Argentina passa mal”), no *O Globo* (“Brasileira apela por filho preso”), no *Em tempo* (“Não deixam Flávio voltar”) e na revista *Isto é*. Nessa última, as palavras de Clara ressoam pungentes: “Vou lutar desesperadamente até o fim. Mas, dentro de mim, uma vizinha lá no fundo me diz que meu filho não sairá vivo da Argentina. Sua saúde está debilitada, cada dia mais fraca. Aos 35 anos, ele é um velho, um homem muito velho e doente”.¹⁵

Estratégias de convencimento

Não temos dúvidas de que esses textos expressam sentimentos e preocupações genuínas de Clara e de vários outros entes queridos de Flávio. Porém, lidas assim, em conjunto, elas também podem ser compreendidas como parte de uma estratégia visando à libertação do militante, cada vez mais identificado, nas notícias citadas, à figura do “filho”. Afinal, na luta contra as arbitrariedades cometidas pelas ditaduras

de segurança nacional em distintos países da América Latina, as mulheres, invocando representações de gênero dominantes nessas sociedades, tiveram um papel ativo (veja-se, por exemplo, as mães e avós da Praça de Maio na Argentina e o Movimento Feminino pela Anistia (MFA) no Brasil). Essas vozes femininas, que pediam por seus familiares, ganharam repercussão na mídia e muito provavelmente conseguiram sensibilizar setores importantes da opinião pública. A “vozinha” de Clara pode ser compreendida por esse ângulo.

Ao recortarem, fotocopiarem e agruparem as notícias acima referidas, ela e Norma provavelmente buscavam verificar o alcance dessa estratégia. Tal impressão se reforça quando cruzamos esses materiais da imprensa com documentos reunidos em outros dossiês, como este texto datilografado, contendo vários erros de grafia, sem título e sem indicação de autoria e data, mas provavelmente de 1978:

A campanha pela libertação de Flávio

Koutzii cobra uma particular importância no momento atual em função de vários fatores:

1. A deterioração de seu estado de saúde nas últimas semanas [...].
2. O fato que Flávio depositou um “pedido de opção” (nº 211.671 de 15/3/1978), recurso legal que permitirá sua expulsão da Argentina, se a pressão internacional for grande;
3. a proximidade da Copa do Mundo e a campanha que se faz em torno à violação dos direitos humanos neste país. O governo argentino provavelmente será obrigado a uma certa “abertura” para diminuir a pressão internacional.¹⁶

Conteúdo quase idêntico aparece em notícia do *Jornal do Brasil* de 7 de maio de 1978, informando que a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo foi procurada por Clara, portando dossiê

Notícia com fotografia de Clara Koutzii. *Jornal do Brasil*, 1/3/1979, 1º caderno, p. 6. Acervo pessoal de Flávio Koutzii, Porto Alegre, RS.



A mãe de Flávio teme que ele morra por falta de assistência na prisão

Anistia apela por brasileiro preso há 4 anos na Argentina

Porto Alegre — O Comitê Brasileiro pela Anistia/RS lançou ontem campanha nacional pela libertação de Flávio Koutzii — preso há mais de três anos na Argentina — com nota em que pede a participação do povo “em todos os níveis, mobilizado e organizado nacionalmente, exigindo os direitos básicos de cidadania e proteção”.

O Comitê pretende a participação popular — a exemplo da campanha pela libertação de Flávia Schilling, — presa no Uruguai — através da coleta de assinaturas e da venda de selos que serão publicados em jornais para serem recortados e enviados ao Governo argentino, a fim de pressioná-lo pela libertação de Flávio Koutzii.

Risco de vida

Na nota divulgada ontem, é relatada a situação carcerária de Flávio Koutzii, “que a qualquer momento pode aparecer morto na prisão de La Coronda”, na província argentina de Santa Fé, devido às péssimas condições do Pavilhão cinco, onde está “sem poder receber o mínimo atendimento médico, isolado e sem poder falar”.

A campanha pró-libertação de Flávio será feita “a exemplo da campanha de Flávia Schilling, que praticamente está vitoriosa, graças à extraordinária participação do povo brasileiro”. — A presidente do Comitê no Estado, Sra Raquel Waldorf, afastou a possibilidade de a Sra Ingeborg Schilling — mãe de Flávia — participar do movimento por Flávio, pois “por enquanto ela está empenhada na

voltar a ver seu filho na prisão, depois de manifestar-se publicamente pela sua libertação, ela preferiu correr esse risco a deixá-lo “morrer gradativamente”, como denunciou, porque “ele deve estar muito desesperado para se arriscar a falar sobre sua situação”.

“Complô”

Em 11 de maio de 1975, o gaúcho Flávio Koutzii foi preso com sua mulher argentina, Norma Espidola, na casa de um amigo brasileiro, que estava ausente. O casal foi acusado de participar de um *complô internacional*, porque na casa havia armas e material de propaganda subversiva. Entretanto, nove das 12 pessoas supostamente envolvidas no *complô* foram inocentadas, devido à inconsistência da acusação.

Flávio e sua mulher foram torturados na Polícia Federal argentina. Sofreram desde choques elétricos a fuzilamentos simulados e ela foi submetida a violências sexuais, segundo carta dele a uma amiga brasileira, enviada do presídio de La Plata, a 7 de julho de 1976. Embora a defesa tenha provado que eles não viviam na casa onde foram presos, Flávio continuou na prisão até 24 de março de 1976, sem ser processado, até que um juiz resolveu desprezar todas as provas em seu favor e processá-lo.

Aos 35 anos, de origem judaica, Flávia é um homem muito velho e doente, segundo sua mãe, Sra Clara Koutzii. Ex-dirigente regional e nacional da UNE — União Nacional dos Estudantes — ele viajou para a França em dezembro de

formulado por ela e por Norma desde o dia da prisão de Flávio. Segundo a mãe do militante, a campanha em favor de sua libertação vinha se intensificando em razão de três fatores: 1) a deterioração de sua saúde; 2) o fato de Flávio ter depositado um *pedido de opção*, “recurso legal que permitiria sua expulsão da Argentina se a pressão internacional for grande”; e 3) a proximidade da Copa do Mundo de Futebol e a campanha contra a violação dos direitos humanos na Argentina.¹⁷

Apelo à mobilização popular

Nesse caso, fica nítido, em primeiro lugar, que os dossiês elaborados por Clara e Norma tornaram-se peças-chave na campanha pela soltura de Koutzii, diante da falta de provas no processo judicial. Além disso, percebe-se que ambas delineavam suas estratégias em função dos campos de possibilidades que se abriam e que motivavam temores e esperanças (nos documentos citados, temor em função da deterioração da saúde de Flávio e esperança em razão da conjuntura da Copa do Mundo e do fortalecimento da campanha pelos direitos humanos na Argentina). Diante das avaliações feitas dos fatos presentes e das experiências passadas, elas estabeleciam os passos da campanha, com suas continuidades e alterações. Pode-se conjecturar ainda que, na situação em tela, Norma atuou na elaboração do dossiê e Clara, por sua condição de mãe, na divulgação das informações nele contidas junto à opinião pública.¹⁸

Essas pressões, embora não tenham redundado na libertação imediata de Flávio, que só ocorreu em junho de 1979, tiveram resultado positivo: o lançamento, em 12 de março daquele ano, pelo Comitê Brasileiro pela Anistia – Seção do Rio Grande do Sul (CBA/RS), na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, da campanha nacional em prol da soltura do militante.

Conforme o jornal *Folha da Manhã*: “A campanha, de acordo com seus organizadores, pretende sensibilizar os governos do Brasil e da Argentina para as condições de saúde – precárias – por que passa o brasileiro e obter a libertação de Koutzii [...]”. Os seus promotores, de acordo com o periódico, eram: CBA/RS, Movimento de Justiça e Paz da Igreja Católica, Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), diversos diretórios acadêmicos da UFRGS e da Pontifícia Universidade Católica (PUC), MFA e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), “que, através de reunião da Executiva, designou o deputado Carlos Augusto de Souza para acompanhar e participar da campanha de libertação de Koutzii”.¹⁹

No dia seguinte, o mesmo jornal noticiou:

Menos de cem pessoas participaram ontem à noite na Assembleia Legislativa do lançamento da campanha nacional de luta pela libertação do gaúcho Flávio Koutzii. E isto, na opinião dos organizadores da campanha, se deve a apenas um motivo: o povo sabe que não tem força política. O objetivo da campanha em todo o Brasil, assim como ocorreu com Flávia Schilling, é mobilizar a opinião pública como meio de pressionar as autoridades.

O texto diz ainda que, na ocasião, Clara “[...] conversou bastante com a mãe de outro possível preso político, Sara Bastos. Seu filho, Jorge Bastos, encontra-se desaparecido na Argentina desde 1976”. E acrescenta:

De prático, não ficou decidido nada sobre a campanha ontem. Na próxima quarta-feira é que serão discutidas as possibilidades de comícios, abaixo-assinados, panfletos e possíveis palestras da mãe de Flávio em todo o País, principalmente nas faculdades, já que ele era um líder estudantil. Ontem, Clara Koutzii

não pôde falar devido a seu estado emocional. Na ocasião, a angústia da mãe de Flávia Schilling [...] foi lembrada pela presidente do MFA, Mila Cauduro.²⁰

Novamente a figura da mãe, com toda a sua carga simbólica, foi mobilizada. Figura essa que transcendia a pessoa de Clara e podia ser encarnada em outras mulheres, como a mãe de Flávia Shilling e a mãe de Jorge Bastos. A partir das notícias publicadas, também se pode verificar a mobilização de várias entidades de perfis diversos em favor da libertação de Koutzii. No ato que teve lugar na Assembleia Legislativa, apesar do número relativamente reduzido de pessoas presentes, a campanha ganhou força no quadro mais amplo da luta pela anistia, luta que, apesar de suas limitações, vai acabar desmentindo a ideia de que “o povo não tem força política”. Nota-se ainda que a campanha pela libertação da brasileira Flávia Shilling, presa no Uruguai aos 18 anos em 1972, acusada de militância clandestina no grupo político Tupamaros, e libertada em 1980 – depois de Flávio, portanto –, passou a servir de modelo para a campanha em prol da soltura deste último. Aliás, na documentação existente no acervo, ambas as campanhas são várias vezes tratadas conjuntamente.

Alguns dias antes daquele ato, o Comitê dos(as) Amigos(as) de Flávio em Paris escreveu uma carta para destinatário não identificado (“Caro amigo, cara amiga”), demonstrando inquietação com a falta de informações sobre a situação do militante. Nela, o remetente afirma: “Embora convencidos que o eixo da campanha se situa no Brasil, pensamos poder prestar nossa contribuição. Mas, para isso, precisamos estar a par dos objetivos da campanha levada no Brasil e estar informados da situação atual de Flávio”. Informa ainda ter recebido recortes de jornal sobre a mobilização desenvolvida no Brasil e, a partir deles, tece alguns questionamentos e considerações: pergunta quais são as reivindicações precisas dos “comitês Flávio”

e expõe o que pensa ser prioritário, devido ao frágil estado de saúde do militante. Além disso, critica o detalhamento da situação jurídica do militante presente nas reportagens, comentando: “Muitas linhas se perdem nesse tipo de detalhes inúteis ou prejudiciais à campanha”, e elege a campanha pela soltura de Flávia Schilling como modelo a ser seguido.²¹

As muitas faces da campanha

Correspondências como essa revelam diferenças de entendimento internas à campanha a respeito das formas como ela deveria ser conduzida, o que raramente transparece nos jornais, que tratam o movimento pela libertação de Koutzii, e outros assemelhados, como plenamente unificados e homogêneos. Dessa forma, por meio do acervo, podemos ter acesso, simultaneamente, às faces “externa” e “interna” da campanha, o que possibilita compreender tanto como ela se estruturou nos bastidores, passo a passo, quanto a sua imagem pública veiculada nos meios de comunicação.

O acervo também evidencia o trabalho árduo de Clara e Norma para organizar a campanha e, de alguma forma, mantê-la sob certo controle. Por vezes, elas faziam resumos das iniciativas tomadas em prol da libertação de Flávio, reunindo documentos originais ou fotocópias, provavelmente no intuito de informar os seus parceiros, legitimar suas demandas e planejar com mais segurança as próximas etapas. A montagem de dossiês encadernados ou em pastas também evidencia tal propósito. Enfim, essas duas mulheres precisaram, para atingir o objetivo desejado, racionalizar a sua dor e transformá-la em ações concretas, planejadas e supervisionadas.²²

Pelo que se depreende da documentação, o movimento em favor de Flávio atingiu um amplo raio de apoiadores

Manifeste des intellectuels français

Un des principaux dirigeants de l'Union Nationale des Etudiants du Sud du Bresil, FLAVIO KOUTZII, est emprisonné depuis deux ans en Argentine, après un séjour d'un an à Paris. Il fut arrêté par la police politique argentine en mai 1975 et soumis à "la question" : torturé à l'électricité, coups, menaces de mort, etc. Accusé de "complot international" il est incarcéré (sans jugement et condamnation) à la prison de La Plata, où des exécutions de prisonniers politiques ont été fréquentes au cours des derniers mois (parmi les dernières victimes: le péroniste de gauche Dardo Cabo). Ses jours sont donc en danger.

Un décret d'expulsion du pays visant Flavio existe depuis 1975. Le Haut Commissariat de l'ONU pour les réfugiés lui a accordé le statut de réfugié (juin 1976). Après des demandes pressantes, le gouvernement français lui a accordé un laissez-passer et un visa pour résider en France.

Nous exigeons du gouvernement argentin sa libération immédiate et son expulsion du pays. Le gouvernement français peut et doit exercer son influence pour obtenir l'exercice effectif de son droit d'asile en France.

J de Beauvoir
(Simone de Beauvoir)

Manifesto de intelectuais franceses em prol da libertação de Flávio Koutzii e de sua expulsão da Argentina. Exemplar assinado por Simone de Beauvoir. Acervo pessoal de Flávio Koutzii, Porto Alegre, RS.

e simpatizantes, articulando pessoas e instituições de diversos países, tais como Estados Unidos, Portugal, Itália, Holanda, Suíça, Venezuela e França. Fora do Brasil, foi nesse último país que a campanha parece ter adquirido maior vigor, inclusive com a formação do citado Comitê dos(das) Amigos(as) de Flávio. Provavelmente isso se deu pela ação de Norma, que lá passou a residir em janeiro de 1978, e de vários exilados latino-americanos que viviam em território francês, como Maria Regina Pilla e Paulo Paranaguá. Foi também o governo francês que concedeu, ainda em setembro de 1976, salvo-conduto e visto a Koutzii, que lhe permitiam viver e trabalhar naquele país, o que é recorrentemente mencionado nos documentos da campanha como forma de convencer as autoridades argentinas a libertá-lo e expulsá-lo.

A estratégia de mobilizar políticos, intelectuais, personalidades diversas e cidadãos comuns de inúmeros países foi considerada adequada por Clara, Norma e seus apoiadores, já que poderia ter impacto sobre o governo argentino, que, certamente, não queria ficar malvisto pela comunidade internacional. Nesse sentido, os abaixo-assinados em português e em outras línguas, com predominância do francês, abundam no acervo, envolvendo desde "Os amigos de Flávio" até médicos franceses que atestavam a fragilidade de seu estado de saúde e se propunham a cuidar dele adequadamente caso fosse expulso da Argentina. Assinaram também personalidades como Cornelius Castoriadis, Julio Cortázar, Simone de Beauvoir, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Edgar Morin, Octavio Paz e Nicos Poulantzas.

Esses documentos eram enviados principalmente à Embaixada do Brasil na França, mas antes eram fotocopiados e as cópias, remetidas a Clara ou a Norma (aí percebemos novamente a preocupação com a organização e o controle do movimento). Outras entidades internacionais também são mencionadas

na documentação, tais como a Anistia Internacional, a Cruz Vermelha Internacional, o Commissariado de Refugiados das Nações Unidas, a Comissão de Direitos Humanos do Parlamento norte-americano, o Comitê Chile-América Latina e o Comitê contra a Repressão na América Latina. Todas essas ações dialogam com um contexto mais amplo, no qual, segundo Denise Rollemberg:

A concepção de exílio como tempo e lugar de denúncia da ditadura militar ganhou força à medida que a inviabilidade do enfrentamento direto foi se evidenciando. Se a princípio as campanhas no exterior tentavam, em meio às sucessivas vitórias da repressão, passar a imagem de que havia forças revolucionárias nos países capazes de vencê-la, aos poucos as iniciativas promovidas em diversos países começaram a abandonar esta avaliação, concentrando-se na luta pelos direitos humanos e, em seguida, pela anistia. [...] Além dos brasileiros, as campanhas mobilizaram setores de esquerda e segmentos progressistas comprometidos com a luta pela revolução e/ou sensibilizados pela defesa dos direitos humanos. A atuação a favor dos "povos oprimidos e martirizados" da América Latina é muito expressiva da perspectiva terceiro-mundista, que seduziu e engajou muitos intelectuais europeus nos anos 1960 e 1970.²³

No acervo, pode-se perceber também que essas duas mulheres tão diferentes, uma militante e uma mãe, unidas pelos laços afetivos que tinham com Flávio, mobilizaram recursos diversos em função dos capitais simbólicos que possuíam e dos destinatários aos quais se dirigiam em busca de auxílio. Norma, pelo que se pode verificar na documentação do acervo, articulava a mobilização em prol do companheiro com um projeto político mais amplo; já Clara parece

Il faut sauver Flavio Koutzii

A l'occasion du voyage de Valéry Giscard d'Estaing au Brésil, les Comités Brésil Amnistie, France-Amérique latine et le Comité France-Brazil organisent, avec la CGT, la CFDT et la FEN un meeting, vendredi 6 octobre à 19 h 30, à la maison des syndicats, 33, rue de la Grange-aux-Belles, métro Jacques Bonsergent.

Nous savons d'apprendre qu'un prisonnier politique brésilien détenu en Argentine depuis trois ans, Flavio Koutzii, qui souffre d'une lésion coronaire grave et qui se trouvait dans l'infirmerie de la prison de La Plata — Unidade 9 — (près de

Buenos Aires), a été transféré à une prison en Patagonie, plus de mille kilomètres de la capitale. Il s'agit de la tristement célèbre prison de Rowson, où en 1972 plusieurs prisonniers politiques ont été assassinés.

Face à la menace qui pèse sur sa vie, les organisations soussignées demandent aux autorités argentines sa libération immédiate.

Comité Brésil Amnistie
Comité France-Brazil
Comité France-Amérique latine

Notícia “Il faut sauver Flavio Koutzii”. Jornal *Rouge*, 06/10/1978, p. 4. Acervo pessoal de Flávio Koutzii, Porto Alegre, RS.

movida, sobretudo, por seus sentimentos maternos, transformando a sua dor individual e privada em tragédia coletiva e pública.²⁴

Entre esses recursos, já nos referimos à figura da “mãe-coragem” que luta pela vida do filho, de grande força simbólica e com bastante impacto junto à opinião pública. A essa, unem-se outras narrativas que buscam comprovar os “bons antecedentes” de Flávio, contrapondo-se à imagem do militante violento e perigoso divulgada pelos órgãos governamentais. Por exemplo: em carta dirigida por uma comissão de advogados, entre eles Tarso Genro, ao deputado Pedro Simon, então presidente regional do MDB, Koutzii é caracterizado como membro de “tradicional família do nosso Estado e de largas relações na Capital”.²⁵ Já na fotocópia de um recorte de jornal, pode-se ler que Flávio Koutzii é “inteligente, sensível, lê muito, e gosta de Sartre e Camus, além de estudar História do Brasil, tema de sua preferência”.²⁶ Nesse mesmo sentido, Norma escreveu em espanhol ao juiz Hector Carlos Adamo, encarregado do processo de Flávio, falando de sua angústia em relação à situação do companheiro,

afirmando: “Em todo este tempo, sempre que nos permitiram, nos escrevemos quase diariamente, afixando nossa relação. Nós dois temos 34 anos, sabemos o que queremos. Queremos nos casar, formar uma família, isto em parte depende de V.E.”.²⁷

Não queremos dizer, insistimos, que essas manifestações não eram sinceras, mas que elas também podem ser lidas como parte de uma estratégia discursiva voltada à libertação de Koutzii, a qual dependia de como o destinatário (individual, no caso das cartas, ou coletivo, no caso da imprensa) era percebido pelo emissor das mensagens, nesse caso como alguém que valorizava a cultura erudita e a moral familiar.

O argumento do antissemitismo

Em outros documentos, apela-se para a origem étnica de Flávio, ressaltando-se que sua prisão prolongada devia-se ao antissemitismo difundido na sociedade argentina. Por exemplo, no jornal *Folha da Manhã*, o advogado de Koutzii, Airton Soares (também deputado federal pelo MDB paulista), afirmou em 1979 suspeitar que ele estivesse sendo perseguido por motivos religiosos, por ser judeu. “Os militares argentinos possuem um alto grau de antissemitismo. Por que outro motivo, então, só lhe permitem que leia o Novo Testamento, e nunca o Antigo”, disse ele.²⁸

Outras iniciativas da campanha iam no mesmo sentido: no “Resumo das iniciativas tomadas a partir de 1977 pela libertação de Flávio Koutzii” consta que foram feitos contatos com a Embaixada de Israel; no relatório das “Iniciativas que se estan desenvolvendo en Francia, por Flávio Koutzii”, de 27 de fevereiro de 1978, aparece, entre outros itens, a previsão de contato com a Liga Internacional contra o Antissemitismo e o Racismo. Por outro lado, em carta datada de 17 de outubro de 1978, enviada de Paris, fala-se de uma

possível interferência da Embaixada de Israel no Brasil e da importância da família de Flávio nesse contato. Em outra missiva, sem data, os remetentes identificam-se como um grupo de jovens judeus responsáveis pelo jornal *Combat pour la Diaspora* que, por meio de um amigo argentino, que lhes deu conhecimento do dossiê sobre Flávio, foram motivados a assinar a petição anexada à carta; e, em planejamento manuscrito das atividades do movimento, não datado, menciona-se o envio do dossiê para o Grande Rabino de Paris e ainda um encontro “pour la situation des juives en Argentine [pela situação dos judeus na Argentina]”.²⁹

Outro documento, um recorte de jornal não identificado, mescla, poder-se-ia dizer “espertamente”, fortes imagens relacionadas ao antissemitismo com a exploração das históricas rivalidades Brasil-Argentina, então reaquecidas em função dos debates relativos à construção da usina de Itaipu:

Noticia-se, inclusive, que Flávio estaria submetido a pressões de toda ordem tanto por sua condição de judeu – o que é duvidoso, já que colocaria a Argentina na comprometedor condição de herdeira da Alemanha nazista – quanto por sua situação específica de cidadão brasileiro, com o que seria uma espécie de bode expiatório das divergências daquele país com o nosso a respeito do aproveitamento energético das águas do Paraná.³⁰

Portanto, Clara, Norma e seus aliados procuravam angariar possíveis apoiadores para a causa da libertação de Koutzii mobilizando afinidades políticas, sentimentos humanitários, identificações étnicas e religiosas e até mesmo nacionalismos explorados pelos próprios órgãos governamentais e pela grande imprensa, entre outras motivações ideológicas e afetivas. Obviamente que essa estratégia não derivava de um plano maquiavélico pré-fixado, mas

de avaliações realizadas a cada passo da campanha, que podem ser hoje parcialmente recuperadas nos documentos desse acervo privado. O que se buscava, especialmente, era a “solidariedade ativa” do maior número de pessoas, ou seja, solidariedade transformada em gestos, sobretudo, nesse caso, os de escrever e falar, dando a conhecer as arbitrariedades e sofrimentos pelos quais passava Flávio.

A documentação mostra que essa solidariedade cruzava fronteiras, revelando um internacionalismo em prol dos direitos humanos – diferente, mas relacionado ao internacionalismo da militância comunista, que motivou, inclusive, a participação de Koutzii em movimentos de esquerda de mais de um país latino-americano, e ao internacionalismo da repressão (articulado, hoje se sabe, pela Operação Côndor) que facilitou a perseguição a Flávio e seus companheiros.

Encerramos este artigo citando uma carta de Flávio Koutzii, escrita em 26 de dezembro de 1977, dirigida a Norma, que deixou o seu acervo privado para ganhar o espaço público ao ser publicada na segunda edição do livro *Pedaços de morte no coração*, lançado em 1998. O militante afirma que decidiu publicá-la como uma homenagem à companheira e “a esta apaixonada intensidade que nossas cartas permitiram”. Diz a missiva:

Norma, amada.

O Natal passou mais uma vez. Desta vez foi um pouco diferente dos dois natalis anteriores. Um pouco mais triste, um pouco mais melancólico. Li pouco e pensei muito em ti, quase todo o tempo em ti. Também em Clara e Marília [sua irmã]. Uma sensação de distância que parece ir crescendo. Não estive deprimido. Consciente, melancólico (esta é a expressão). Consciente da nova situação aqui, do que busca e implica sua dinâmica. Consciente de

tudo que teremos pela frente em meu processo.

Consciente agudamente do nosso amor, da

nossa espera, da demora. De nossa força.

Da dor. E de toda a esperança, misturada de

desejo, de vontade de viver...³¹

Como qualquer fonte histórica, os documentos de um arquivo privado não falam por si, por mais que nos aproximem empaticamente dos personagens que o produziram. Eles precisam ser interpretados por meio de perspectivas teóricas e metodológicas reconhecidas no campo historiográfico, lidos à luz dos contextos em que foram elaborados, cruzados com outros documentos e inseridos em uma narrativa minimamente coerente. Porém, os historiadores não podem deixar de levar em conta os sentimentos e sensações que impulsionaram a sua formação. No caso do acervo privado de Flávio Koutzii, “escrito” especialmente por Clara Koutzii e por Norma Espíndola, ressoam melancolia, medo, angústia, dor, paciência, amor, esperança, vontade de viver e de ver vivo e em segurança o ente querido.

Em 1977, Flávio, Clara e Norma pareciam saber que tinham muito pela frente, mas não podiam prever o desfecho, ousamos dizer feliz, dessa história. Os documentos do acervo aqui examinado nos ajudam a compreender um pouco os percursos, encruzilhadas, becos sem saída e pontos de chegada desse penoso caminho que, como todos os processos históricos, foi construído no próprio caminhar.

Notas |

1. Carta de Norma Espíndola para Maria Meyer, 23 de fevereiro de 1977.

2. Carta do embaixador da Argentina no Brasil, Oscar Camilión, para Alberto Dines. Brasília, 25 de janeiro de 1978 (integrante de dossiê encadernado com espiral, sem identificação na capa ou no verso); fotocópia de recorte do jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 de janeiro de 1979, sem indicação de página (pasta com recortes de jornal). Salvo indicação em contrário, todas as fontes mencionadas no presente artigo integram o acervo pessoal de Flávio Koutzii. A ortografia das fontes foi atualizada. As traduções são de minha responsabilidade.

3. Por exemplo: em uma correspondência, Norma pede ao destinatário “sua solidariedade ativa” pela libertação de Koutzii e outros companheiros, solicitando que lhe envie cópia das cartas ou documentos “que digam respeito a estas gestões”. Carta de Norma Espíndola a pessoa desconhecida. Paris, 18 de fevereiro de 1978 (pasta “Flávio”).

4. MENDES, Uirapurú. A tomada do RU. In: GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvonne (Org.). *UFRGS: identidade e memórias – 1934-1994*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994. p. 146.

5. Entrevista realizada em Porto Alegre, em 7 de dezembro de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (Org.). *Muitos caminhos, uma estrela*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. v. 1, p. 215.

6. Depoimento de Koutzii à *Sextante* – Revista Experimental do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, p. 37, dezembro/2000.

7. Entrevista de Raul Pont. In: FERREIRA; FORTES (Org.). *Muitos caminhos, uma estrela*, p. 218.

8. Carta de Maria Regina Jacob Pilla e Paulo Antonio Paranaguá para Madame, Monsieur (não identificado), 15 de abril de 1977 (dossiê encadernado com espiral, sem identificação na capa ou no verso).

9. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1977, recorte sem referência de página (pasta “Prensa”).

10. KOUTZII, Flávio. *Pedaços de morte no coração*. O depoimento de um brasileiro que passou quatro anos no inferno das prisões políticas argentinas. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 20.

11. *Zero Hora*, Porto Alegre, 17 de maio de 1975, recorte sem referência de página.

12. FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

13. STEEDMAN, Carolyn. *Dust: the archive and cultural history*. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 2002. *Apud* COUGO JR., Francisco; REIS, Nicole Isabel dos. Nos porões da Glória: uma reflexão sobre arquivos pessoais, Teixeira e alguns cruzamentos entre história e antropologia. *Aedos* – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, v. 1, n. 1, 2008.

14. Após ser libertado em 1979, Flávio seguiu para a França, onde se diplomou em sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, com a tese *Système et contre-système carcéral pour les prisonniers politiques em Argentine – 1976-1980*, orientada por Claude Lefort, que serviu de base para seu livro *Pedaços de morte no coração* (1984). Retornou ao Brasil em 1984 e ingressou no Partido dos Trabalhadores, pelo qual se elegeu vereador em 1988. Dois anos depois, foi eleito deputado estadual. Em 2006, quando estava no seu quarto mandato consecutivo na Assembleia Legislativa gaúcha, sempre com votações expressivas, anunciou sua desistência de concorrer a mais uma legislatura, revelando aos meios de comunicação sua decepção com a vida política brasileira. Atualmente, reside e trabalha em Porto Alegre.

15. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1979, 1º caderno, recorte sem referência de página; *Última Hora*, Porto Alegre, 24 de fevereiro de 1979, recorte sem referência de página; *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1979, recorte sem referência de página; *Em tempo*, São Paulo, 22 a 28 de fevereiro de 1979, recorte sem referência de página; *Isto é*, São Paulo, 28 de fevereiro de 1979, p. 24-25 (Pasta sem identificação com recortes de jornal).

16. Documento sem referências, integrando dossiê encadernado com espiral, sem identificação na capa ou no verso.

17. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 de maio de 1978, recorte sem referência de página (pasta “Prensa”).

18. As noções de projeto e campo de possibilidades são de VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: _____. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. As esperanças depositadas por Norma e Clara na conjuntura que se abria em 1978 eram compartilhadas por várias pessoas que repudiavam a ditadura argentina. Conforme Novaro e Palermo: “À medida que a data do campeonato [de futebol] se aproximava, as críticas e denúncias das violações dos direitos humanos vindas do exterior foram aumentando, em virtude da passagem do tempo, do amadurecimento da ação contestadora e das transformações na política externa norte-americana, e em parte devido à própria proximidade do mundial. [...] O que poderia acontecer com as pessoas no momento em que algumas centenas de jogadores de futebol, uns poucos milhares de torcedores e, sobretudo, alguns milhares de jornalistas de toda a mídia mundial convertessem o país numa delicada vitrine?”. Contudo, dizem os mesmos autores, apesar da ocorrência de alguns protestos, a campanha vitoriosa da seleção argentina na Copa provocou euforia em boa parte da população daquele país, exacerbando um “triumfalismo nacionalista” que veio ao encontro da campanha governamental contra os “difamadores externos”: “Talvez com o Mundial o regime tenha vivido suas melhores horas”. NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A ditadura militar argentina*: do golpe de Estado à restauração democrática. São Paulo: Edusp, 2007. p. 207, 209 e 214, respectivamente.

19. Fotocópia de recorte do jornal *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 12 de março de 1979, p. 5 (Pasta sem identificação com recortes de jornal).

20. Fotocópia de recorte do jornal *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 13 de março de 1979, p. 3 (Pasta sem identificação com recortes de jornal).

21. Carta do Comitê dos(das) Amigos(as) de Flávio de Paris para destinatário não identificado. Paris, 5 de março de 1979 (pasta “Prensa”).

22. O arquivo também fornece pistas de como se dava a comunicação entre as duas protagonistas da campanha pela libertação de Flávio. Em dezembro de 1977, Norma escreveu a Clara uma longa carta de 7 páginas, detalhando instruções com o objetivo de ampliar uma conversa iniciada por telefone. Na missiva, ela informa o endereço do juiz do caso de Flávio, Hector Adamo, e dá informações sobre a carta que deveria ser escrita a ele; informa também o endereço de Maurice Murville, da Comissão de Assuntos Estrangeiros da Assembleia Nacional da França, e fornece orientações sobre o que escrever e solicitar. No mesmo sentido, trata do que deveria ser escrito na carta ao embaixador da França no Brasil. Informa igualmente sobre envio de fotocópia de carta ao deputado Aldo Fagundes e Ulisses, assim como Brossard, Roberto Saturnino e Odacir Klein. Solicita o envio de fotocópias das cartas. Diz que deixou uma cópia do dossiê com Marília [irmã de Flávio] e Caco, para orientá-la. Na continuidade, faz um relato das iniciativas tomadas. Informa que o dinheiro mandado veio em boa hora, pois estava falando bastante ao telefone, em chamadas de longa distância. Destaca a importância do uso do telefone para intervir sobre o caso de Flávio. A carta tem uma pausa, marcada por nova data, sábado, dia 10. Nessa parte, informa o endereço de Daniel Jacoby, advogado contratado pelos amigos de Flávio na França. Norma faz um “aparte” no qual dá orientações para Clara. Afirma que os advogados argentinos “ni siquiera cumplen con lo prometido” e informa o endereço de Maria Regina. Termina a carta depositando esperanças no melhor desfecho do caso de Koutzii. Carta de Norma Espíndola para Clara Koutzii. Sem referência de local, 8 de dezembro de 1977 (conteúdo avulso: correspondência).

23. ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 229-230. Nessa obra, a autora enfoca especificamente a experiência do exílio brasileiro, mas creio que muitas de suas considerações se aplicam à realidade latino-americana como um todo.

24. Tal perspectiva parece se confirmar na entrevista concedida por Clara ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall de Porto Alegre em

1989. Ao ser perguntada sobre a trajetória de Flávio e sua atuação política, ela começou dizendo: “Bom, vou falar como as mães falam [...]”. Depoimento de Clara Koutzii ao Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall de Porto Alegre. Porto Alegre, 6 de setembro de 1989, entrevista n. 276.

25. Carta da Comissão de advogados (representada por Tarso Fernando Genro e Luiz Carlos Moraes) para o deputado Pedro Simon, presidente regional do MDB. Porto Alegre, 12 de setembro de 1977 (conteúdo avulso: correspondência).

26. Fotocópia de recorte de jornal, sem referências de fonte, local, data e página (*Zero Hora* provavelmente, pela diagramação) (conteúdo avulso: imprensa – fotocópias).

27. Carta em espanhol de Norma Espíndola para o juiz Hector Carlos Adamo. Sem referência de local, abril de 1977. 2p (dossiê encadernado com espiral, sem identificação na capa ou no verso).

28. Fotocópia de recorte do jornal *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1979, p. 11 (pasta com recortes de jornal).

29. “Resumo das iniciativas tomadas a partir de 1977 pela libertação de Flávio Koutzii”, sem indicação de data específica; “Iniciativas que se estã desenvolvendo em França, por Flávio Koutzii”, de 27 de fevereiro de 1978 (ambos os relatórios integrando dossiê encadernado com espiral, sem identificação na capa ou no verso); carta de Helena Hirata e outro remetente não identificado para Eduardo Abramovay e “Caco” (Ricardo Abramovay), primos-irmãos de Koutzii. Paris, 17 de outubro de 1978 (pasta “Campanha Flávio”); Carta de Alain Toledo para destinatário não identificado, sem referências de local e data (pasta “Originais”); Manuscrito em francês, sem outras referências (pasta “Flávio”).

30. Recorte de periódico não identificado, sem data, sem página. Artigo: “Prisioneiros brasileiros” (pasta “Prensa”).

31. KOUTZII. *Pedaços de morte no coração*, p. 133.

Benito Bisso Schmidt é professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É também diretor do Memorial da Justiça do Trabalho no RS. Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa mais amplo, e ainda em andamento, intitulado: *Flávio Koutzii: pedaços de vida na memória – biografia política de um militante de esquerda (1943-1984)*. O autor agradece o auxílio precioso dos bolsistas de iniciação científica (Propesq/UFRGS) Diego Scherer da Silva e Juliano Francesco Antonioli.